

Do casulo à borboleta: uma compreensão fenomenológica da travestilidadeⁱ

1. Um breve “passeio” sobre os conceitos de gênero e sexualidade

Traveco, homem-mulher, aberração da natureza... Essas são algumas alcunhas geralmente dadas às travestis no cotidiano. Sua imagem ambígua, uma mistura do que se convencionou chamar de características masculinas e femininas, assusta grande parte das pessoas por não ser “permeável” à inteligibilidade da culturaⁱⁱ. Diante delas, é praticamente impossível não questionar, ou ao menos “estranhar”, o que aprendemos sobre sexualidade e gênero, geralmente veiculados pelo senso comum como conceitos a-históricos.

No entanto, vimos com Foucault (1988) que, nos séculos XVIII e XIX, uma explosão discursiva sobre sexo ocasionada, entre outros motivos, pela busca de uma ciência que precisava classificar para dominar o que se investigava, construiu um novo olhar sobre as práticas sexuais. Todo esse contexto de classificação ocasionou a “aparição” das chamadas sexualidades periféricas. Na verdade, tais práticas sexuais já faziam parte do cotidiano, mas não eram marcadas por esse tipo de classificação proveniente dos saberes científicos. Surge, então, uma nova especificação de indivíduos: aqueles que são perversos, desviantes da sexualidade socialmente “recomendada” para uma vida saudável, passando a ser vistos como possuidores de uma natureza perversa. Atualmente, não é raro encontrarmos referências a pesquisas científicas que procuram “decifrar” as identidades sexuais, como a busca pelo gene gay (FONTENELLE, 1999) e manuais psiquiátricos que estereotipam os comportamentos (dentre eles os sexuais e os de gênero) considerados “anormais”.

E o gênero? Comumente referido como as atribuições culturais dadas ao sexo natural, esse conceito é alvo de diferentes pontos de vista, dependendo da forma como se vincula ao sexo. Sexo estaria para a natureza assim como o gênero para a cultura? Segundo alguns autores, dentre eles Stoller (1993), o sexo parece ser imutável, pois atrelado necessariamente à natureza, descartando-se sua construção cultural. O referido autor afirma, inclusive, que o sexo é constituído de qualidades não sentidas, ou seja, não acessíveis à cognição por já serem dadas pela natureza. O gênero, em contrapartida, seria qualquer qualidade sentida de masculinidade e feminilidade, a partir de normas sociais filtradas pelas idiosincrasias da personalidade dos pais, principalmente durante a infância.

Nadando contra a corrente da lógica sexo natural e gênero construído, alguns autores confrontam-na procurando explicitar o quão política e ideologicamente construída ela é (JUSTA, 2006). Neles, é notória a clara influência do pós-estruturalismo, resultando na criação de teorias que, de acordo com Louro (1997), problematizam os modos convencionais de produção e de divulgação do que é comumente admitido como ciência, além de questionarem a concepção de um poder central e unificado que regeria todo o social. Diferente das idéias de orientações sexuais meramente genéticas e identidades de gênero forçosamente cristalizadas na infância, são enfatizadas as relações de poder que moldam esses conceitos e que acabam por instituí-los como verdades inquestionáveis. Nesse emaranhado de concepções, a travestilidade parece transitar como algo “estranho”, incomodativo...

2. “E o que é mesmo travesti?”: uma definição indefinida

Ao procurar pela definição da palavra travesti, é possível encontrar uma variedade de significados, o que talvez reflita o incômodo e a perplexidade frente a esse “algo” que parece ser impossível enquadrar. De “travestismo” a “travestilidade”, passando por “homem que se veste de mulher ou mulher que se veste de homem”, ocupando um lugar cativo nos Transtornos da Identidade Sexual ou “fisiologicamente um homem, mas que se relaciona com o mundo como mulher”.... (JUSTA, 2006). Apesar da diversidade conceitual, é possível observar que a referência ao uso de roupas atribuídas ao sexo oposto é um elemento presente em todas as conceituações, sejam imbuídas de um cunho patológico ou não. Questiono-me: por que é dada uma ênfase tão grande ao modo como as pessoas se vestem?

O traje estende-se do meramente material (tecido, ornamentos) para o comportamento, contribuindo para a construção da personalidade, de *status*, para o distanciamento entre os sexos, classes, grupos étnicos... Vestir-se com um vestido muito curto e justo não significa apenas a iminência da aparição de um corpo praticamente desnudado, mas uma “violência à paz dos costumes e hábitos assentados”. Santos (1997), ao fazer um apanhado de registros policiais e notícias de jornais baianos do século XIX que fazem referência a prisões de “homens que se vestem de mulher” e vice-versa, observou que era comum que ambos fossem denominados “desenfreados”, “incorrigíveis”. O freio dessas pessoas parece ter se desregulado, ocasionando uma invasão de um território não permitido, não legitimado. Observa-se uma relação existente entre duas indumentárias: uma oficial com padrões rígidos para ambos os sexos e outra divergente (JUSTA, op. cit)

Apesar de ter “arranhado” a arquitetura das roupas de homens e roupas de mulher, a propalada sacudida nos códigos de vestuário, nas décadas de 50 a 70, impulsionada, dentre outros

acontecimentos histórico-culturais, pelos movimentos contra a ditadura, o movimento *hippie* e movimentos musicais como a Tropicália, a Bossa Nova e a Jovem Guarda, não foi suficiente para desmontar a idéia de que cada “veste” traduz culturalmente o sexo biologicamente determinado. Dessa forma, a travesti continua ocupando um lugar de incoerência social, pois continua a portar signos conflitantes. Suas roupas veiculam a feminilidade, mas esta não corresponde ao “macho subjacente”. Apesar do preconceito e da patologização proveniente do que se convencionou chamar de inversão do vestuário, a utilização de roupas, gestos e outras “modas de mulher” são fundamentais para a construção da travesti. “Montar-se”ⁱⁱⁱ exige sacrifícios por muitos considerados absurdos, mas necessários para a realização do propósito de alcançar a si mesmo.

Atentando-se inicialmente à questão do tempo na “montagem”, este tem um papel fundamental na criação das particularidades de cada categoria (travestis, *drag-queens*, transformistas, entre outras). Gradações temporais da “montagem” definem em que lugar a “montada” ou “montado” se insere. As travestis montam-se 24 horas por dia. Creio que utilizar unicamente a questão da temporalidade como aspecto definidor da “montagem” de uma travesti não é suficiente para compreender a complexidade deste processo tão peculiar e importante. O corpo ocupa uma posição de destaque na “montagem” ao lado do tempo, entre outros motivos, porque é o alvo “concreto” das intervenções realizadas pelas travestis.

Creio que as travestis, no processo de sua “montagem”, denunciam o engodo da concepção de que as identidades sexuais e de gênero são marcas biológicas detectadas no corpo. Em sua reconstrução corpórea, explicitam o caráter performático (fabricado, construído) do gênero, multiplicando-o em possibilidades até então impensáveis; colocam o conceito de sexo natural e a-histórico na berlinda, ao explicitarem novas possibilidades de sua configuração; enfim, desestabilizam as fronteiras de um corpo concebido como imutável, revelando que essas fronteiras não são inquestionáveis e inequívocas, pois são constantemente construídas, destruídas e reconstruídas dentro de determinado contexto histórico.

3. Para compreender fenomenologicamente a travestilidade...

Quando defini que queria pesquisar sobre travestilidade, dando ênfase ao que as próprias dizem de sua experiência, perguntei-me sobre qual método melhor “daria conta” de tal empreitada. Não pretendia, e ainda não pretendo, chegar à verdade última sobre as travestis, até mesmo porque não acredito que esta exista. Decidi-me por utilizar o método fenomenológico do conhecimento, particularmente aquele influenciado pela Hermenêutica Ontológica de Martin Heidegger, especialmente por sua visão de homem e sua leitura da realidade.

Falar sobre o método fenomenológico do conhecimento pressupõe um debate sobre a perspectiva de conhecimento construída pelo pensamento ocidental há mais de 2.400 anos, chamada por Heidegger de metafísica (CRITELLI, 1996). A Fenomenologia nasceu como uma forma de contestação a esse pensamento e sua concepção de *ser* e de *verdade*. No entanto, é importante ressaltar que não faz parte de seus objetivos substituir a forma de pensamento existente (a metafísica), mas deixar claro que esta possui limites e equívocos.

Diferente do pensamento metafísico, que considera a insegurança, a instabilidade e a efemeridade como empecilhos para o conhecimento, a perspectiva fenomenológica os acolhe como imprescindíveis para a construção deste por acreditar que o saber e a verdade são relativos. A crença metafísica na possibilidade de “consertar” a insegurança de *ser*, portanto, é um equívoco que se esbarra na impossibilidade de se mudar a constituição ontológica dos homens. Seguindo por um caminho diferente ao da metafísica, a fenomenologia é uma busca de conhecimento que mergulha na angústia e na constante “mutação” do *ser*, articulando-se no âmbito da existência ao invés daquele da conceituação. Para a perspectiva heideggeriana, a verdade, longe de ser um lugar privilegiado de total segurança, é entendida como *alethéia*, palavra grega que significa desvelamento, desocultamento. Desse modo, essa forma de significar a verdade é relativa, pois difere para cada olhar, revelando-se sempre transitória, precária e incompleta. Essa perspectiva difere daquela apregoada pelos positivistas, para quem a verdade se configura como *véritas*, do latim, que significa adequação, correspondência.

Tendo em mente os principais pressupostos do método escolhido, optei por trabalhar também com as narrativas. Entre os autores que discutem sobre o narrar, encontra-se o filósofo Walter Benjamin (FROTA, 2001). Este considera que através da narrativa é possível entrar em contato com a sabedoria, com a linguagem poética, com a experiência, aspectos desprovidos de importância para o homem moderno. O projeto da modernidade, segundo o filósofo, acabou por levar o homem a um conseqüente e progressivo distanciamento de si. Acredita, ainda, na possibilidade de um contato com a sabedoria retirada da experiência, de um acesso à memória involuntária, através da narrativa. Não há uma pretensão de simplesmente transmitir um acontecimento, já que este se integra à vida do narrador, que o passa aos ouvintes na forma de experiência.

Ciente de que o pesquisador, ao trabalhar com narrativas, é na verdade ouvinte e narrador ao mesmo tempo, fui a campo colher os depoimentos das travestis. Logo de início, não considerei relevante colher um grande número de depoimentos, já que nunca fez parte de meus objetivos realizar um levantamento quantitativo dos diferentes modos de experienciar a travestilidade. Achei conveniente para os meus propósitos conversar com duas travestis. Ambas ocupam importantes cargos em duas ONG's voltadas para a promoção e defesa de travestis e/ou de pessoas que sofrem

discriminação pro sua orientação sexual. Foram realizadas duas entrevistas com cada, porém apenas a mais recente foi utilizada devido ao grande espaço de tempo entre as duas. Após serem transcritas e textualizadas (BOM MEHY, 1991), retornaram às travestis para que fizessem as modificações que achassem necessárias, procurando deixar suas narrativas o mais próximo possível de suas vivências. Após os referidos procedimentos, pude enfim considerar que as narrativas estavam “prontas” e, dessa forma, elaborar minhas compreensões acerca do que as travestis narraram sobre sua experiência.

4. Compreensões das narrativas: dialogando com o fenômeno que se desvela

Compreendi que as travestis parecem sempre precisar dizer para a sociedade que são seres humanos, algo que dificilmente questionamos em nós mesmos. A forma como constroem a si, como se mostram no cotidiano, assusta muito por não se configurar nos padrões de gênero e sexualidade construídos pela sociedade ocidental. Como conceber que uma “mulher de pênis” (como se define uma das entrevistadas) é algo harmonioso, enquanto grande parte do mundo a consideraria como algo aberrante, incoerente?

Penso que as narradoras, antes de serem consideradas travestis, acima de tudo são pessoas que possuem suas idiossincrasias, que vivem em um contexto histórico-econômico-político-cultural específico, no qual constroem os percursos de suas próprias existências. Os percursos, longe de serem seguros e previsíveis, são permeados por freqüentes dificuldades, parecendo exigir das narradoras muita coragem, qualidade que ambas consideram fundamental para aquelas que ousam assumir-se travesti.

Vejo também que foi preciso “desconstruir” não só os conceitos arraigados de homem e mulher, masculino e feminino, como também os de heterossexualidade, homossexualidade e bissexualidade para poder tentar compreender fenomenologicamente a travestilidade. Desta forma, dei-me conta de que todos estes conceitos possuem uma história e que, à medida em que ela muda, eles são ressignificados. O ocultamento dessa história contribui para que esses conceitos ganhem *status* de naturalizados, abrindo caminho para as classificações que se baseiam em pseudoessências de gênero e de sexualidade.

Creio que as narradoras, juntamente com as outras travestis, são alvos privilegiados dessas classificações por explicitarem tamanha subversão dos referidos padrões ocidentais de normalidade. A reação social a essa afronta à “decência” e aos “bons costumes” pode ser observada no decorrer de suas narrativas. A escola não aceita, a prostituição acaba se tornando praticamente a única opção de sobrevivência, a família expulsa de casa... Como diria uma das entrevistadas, as travestis são “expulsas da vida”. Ela relata, ainda, que muitas travestis de sua época já morreram ou estão

doentes. Atentemos para o fato de que, á época da realização de minha monografia, ela tinha apenas 24 anos!

Mesmo tendo recebido diversos “nãos” de variados setores da sociedade, as narradoras não esmoreceram e hoje ocupam importantes cargos em ONG’s voltadas para a promoção da cidadania e assistência a travestis e/ou a pessoas que sofrem discriminação por conta de sua orientação sexual. Compreendo que a militância faz parte da construção de suas identidades, fato que pode ser claramente observado no decorrer de suas narrativas.

Seria possível falar de uma identidade travesti? Não me atrevo a responder a esse questionamento nesse momento, talvez o aprofunde posteriormente em uma pós-graduação. No entanto, compreendo que as duas narradoras esperaram que seus corpos estivessem com contornos femininos (através de ingestão de hormônios, aplicação de silicone, entre outros tipos de intervenções) para finalmente se identificarem como travestis. A construção do corpo é realizada permanentemente através da “montagem”, pois o “masculino” (voz grave, pêlos que nascem onde não deveriam, por exemplo) às vezes “escapa”, precisando ser vigiado e ocultado constantemente.

Neste percurso trilhado até o momento, pude compreender que a travestilidade pode ser considerada como a realização de um sonho. Este, no entanto, é conquistado através de inúmeras renúncias, que para nós podem parecer absurdas. Para elas, estas renúncias parecem fazer parte da “dor” e da “delícia” de ser travesti.

Creio que a frase de Lamartine, que faz parte do título de minha monografia (JUSTA, 2006), expressa bem o percurso da travesti: “Justo quando a lagarta achava que o mundo tinha acabado, ela virou uma borboleta”. Inicialmente em um casulo, a travesti empreende uma dura luta para poder voar: enfrenta regras assentadas, é taxada de anormal, é “expulsa da vida”, constrói um novo corpo através da “montagem”, cria uma nova identidade, luta para ser reconhecida como ser humano.

Espero ter contribuído para o engrandecimento das asas da borboleta ao interrogar fenomenologicamente a travestilidade, tendo duas travestis como co-elaboradoras. Não trago conclusões, porém acredito que pude contribuir para uma maior reconhecimento das travestis e para a visão de que são pessoas que merecem respeito, independente da forma como se vestem, da configuração de seu corpo ou de suas práticas sexuais.

Referências Bibliográficas

- BOM MEHY, J.C.S. *Canto de Morte Kaiowá – história oral de vida*. São Paulo: Loyola, 1991
- CRITELLI, Dulce Mára. *Analítica do Sentido: uma aproximação e uma interpretação do real de orientação fenomenológica*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.

- FONTENELE, Cláudia Valença. *Entre Estrelas e Passarelas: A condição travesti e seus ritos de apresentação*. 1999. 181 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Curso em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1999.
- FOUCAULT, Michel. *A História da Sexualidade I: a vontade de saber*. São Paulo: Edições Graal, 1988.
- FROTA, Ana Maria. *O Desalojamento e a Reinstalação do Si-mesmo: um percurso fenomenológico para uma compreensão da adolescência, a partir de narrativas*. 2001. 426 p. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- JUSTA, Juliana Frota da. “*Justo quando a lagarta achava que o mundo tinha acabado, ela virou uma borboleta: uma compreensão fenomenológica da travestilidade, a partir de narrativas*”. 2006. 108f. Monografia . Departamento de Psicologia, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2006.
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- SANTOS, Jocélio Teles dos. “Incorrigíveis, afeminados, desenfreiados”: indumentária e travestismo na Bahia do século XIX. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, v.40, nº 2, p. 145-182, 1997.
- STOLLER, Robert J. *Masculinidade e Feminilidade: apresentações do gênero*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

ⁱ Este artigo diz respeito a uma síntese de minha monografia de conclusão do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC), “Justo quando a lagarta achava que o mundo tinha acabado, ela virou uma borboleta: uma compreensão fenomenológica da travestilidade, a partir de narrativas”, defendida em fevereiro do corrente ano.

ⁱⁱ Quando digo cultura, refiro-me especificamente à cultura da sociedade Ocidental.

ⁱⁱⁱ Verbo/ação utilizado pelas travestis pra fazer referência à transformação de seus corpos e hábitos em direção a um ideal de travestilidade.